



**INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DE
LONDRINA**

**BRUNA GABRIELA GODINHO DA SILVA
DRIELLY SARGGIN MERCIAL**

MÓDULO II

**A Evolução da Contabilidade nos Processos
Históricos do Brasil e do Mundo.**

Londrina, PR

2019

Introdução

A Contabilidade tem sua origem tão antiga quanto a própria história da humanidade, essa é uma afirmação atestada pela maioria dos trabalhos desenvolvidos sobre esse tema. As civilizações antigas já se deparavam com a necessidade de um controle de suas posses, de seus negócios comerciais, também das produções, entre outros pontos e, na medida que as operações econômicas iam se tornando complexas, o controle tornava-se cada vez mais refinado.

O intuito do presente trabalho é destacar pontos de construção da Contabilidade ao longo do processo Histórico, visando uma maior compreensão sobre a importância que ela teve na história do Brasil e do mundo, por meio de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema.

Para isso percorreremos os principais acontecimentos Históricos em que a Contabilidade esteve presente abordando primeiramente mundo como um todo até chegarmos no Brasil, apreendendo também, qual o papel da Contabilidade perante à Humanidade.

Justificativa

Muitos estudantes do Curso de Ciência Contábeis ou até mesmo próprios contadores possuem uma percepção pouco clara sobre a Contabilidade e sua evolução na História. Buscando resolver esse problema, nos empenhamos em estabelecer um estudo aprofundado sobre esse tema, estabelecendo também nomes que marcaram o desenvolvimento da contabilidade como Ciência, tais como: Leonardo Fibonacci (1170 - 1250); Frei Luca Pacioli (1445 – 1517); Francesco Villa (1801)

Deste modo, podemos atingir uma grande parte do público-alvo da área da contabilidade ou até mesmo pessoas interessadas nesse tema.

Objetivos Gerais

O objetivo geral é mostrar a importância de estudos mais aprofundados sobre a História da Contabilidade e levantar o máximo de dados possíveis para a respeito da Evolução da Contabilidade na História do Brasil e do Mundo.

Objetivos Específicos

- Identificar a importância de um estudo mais aprofundado sobre a Contabilidade na História
- Conseguir abordar o maior número de pessoas mostrando essa importância
- Conseguir trazer uma percepção da evolução da Contabilidade no Brasil.
- Demonstrar a importância da Contabilidade perante aos processos históricos

Metodologia

- Fontes bibliográficas já existentes sobre o tema
- Pesquisas de anúncios, jornais sobre cada período abordado.
- Artigos já desenvolvidos sobre o tema.

1. A Contabilidade na História do Mundo

Segundo Ribeiro, Lopes e Pederneiras (2009, p. 22) em 4000 a.C. já haviam registros de cunhos contábeis no Antigo Egito, Mesopotâmia e Antiga Suméria. Confirmando essa afirmação, Sá (1996, p. 26) traz a informação que, por volta de 3550 a.C., os egípcios possuíam controles contábeis com uma apuração até mesmo rígida dos tributos coletados pelo Estado e já haviam registros numa espécie de livro por meio da escrita hieroglífica, com valores baseados na “moeda” egípcia conhecida como *shat*. Esses controles eram realizados de modo diário com ordem cronológica de entradas e saídas bem organizadas para a época.

Ainda segundo Sá (1997, p. 25), as civilizações da Suméria e da Babilônia (Média Mesopotâmia) alcançaram uma evolução avançada na elaboração de demonstrações contábeis, de modo que é possível identificar registros da época assemelhados aos conhecimentos nas áreas de custo e orçamento. A escrita era cuneiforme criada pelos próprios sumérios, por meio de metais ou pedaços de madeiras, escrevia-se sinais em tábuas de argila de difícil moldagem.

A origem da contabilidade está bastante ligada a necessidade de registros do comércio, as técnicas de registros se desenvolviam à medida que eram necessários controlar bens e propriedades advindas das comercializações:

Foi a partir de 1.100 a. C., com o surgimento da moeda, que a Contabilidade passou a desenvolver-se com mais ênfase, entre os séculos XIII e XVII, juntamente com a intensidade do desenvolvimento da atividade mercantil, econômica e cultural, surgiram as escolas de Contabilidade, na Itália (MACHADO; FREITAS; DOMINGUES, 2011, p. 23).

Alguns anos mais à frente, por volta de 332 a.C., Alexandre, o Grande fundou Alexandria e criou uma biblioteca das mais avançadas do mundo antigo e nela haviam vários registros contábeis em um sistema bastante semelhante ao das partidas dobradas que se desenvolveria mais tarde na Roma Antiga. Além disso, com sua passagem pela Índia, Alexandre também viria contribuir com o conhecido “conceito zero”, uma vez que estudos indianos desenvolvidos na época fizeram com que os Árabes, após conquistarem Alexandria em 646 d.C.,

criassem um sistema numérico conhecido como algarismos arábicos. Esse novo sistema numérico traria grandes mudanças na história da humanidade, bem como para a contabilidade. (HENDRIKSEN, VAN BREDA, 1999)

Mas, antes dessa influência árabe, vale ressaltar que em 200 a.C. as escritas governamentais da República Romana já traziam receitas de caixa classificadas em rendas e lucros e despesas classificadas em salários, perdas e diversões, algo bastante similar aos conceitos atuais de contabilidade.

Anos mais tarde, já em 1202 d.C, uma obra bastante conhecida no meio foi produzida, Liber Abaci, que significa *Livro de Cálculo*, trata-se de um livro histórico sobre aritmética escrito por Leonardo Fibonacci, também conhecido por Leonardo de Pisa. Com ele houve a introdução na Europa da numeração árabe, firmando o funcionamento dos algarismos arábicos e o conceito zero, algo extremamente importante, conforme citação abaixo:

O livro Ábaco, não é sobre o ábaco, mas um grande tratado sobre métodos algébricos e sobre aritmética. Os sete primeiros capítulos tratam dos números, como utilizá-los e como as suas técnicas poderiam ser aplicadas na solução de problemas práticos – trocas, conversão de pesos e medidas, câmbio, sociedades e juros. (RIBEIRO, LOPES, PERDENEIRAS, 2009, p. 22).

Ainda nesse período, especialmente a partir do ano de 1095 d.C., outro fator importante para o desenvolvimento da Contabilidade foram as expansões comerciais da Europa. Com o intuito de abrir novas rotas terrestres inicialmente no Oriente e logo após com as “Grandes Navegações” no Ocidente, consequentemente na conquista de novos territórios e também na expansão do cristianismo, lembrando aqui das conhecidas “Cruzadas”, fez com que a necessidade de controles dessas conquistas e riquezas acumuladas, aumentasse.

Seguindo nessa evolução, foi no final da Idade Média e início da Idade Moderna, que surge uma das principais obras para a Contabilidade: *Tractatus de Computis et Scripturis* ou *Contabilidade por Partidas Dobradas*, escrita em 1494 por Frei Luca Pacioli também conhecido como Pai da Contabilidade. Nela o autor enfatiza que para débito existe um crédito de igual valor, influenciando primeiramente as principais cidades marítimas como

Genova, Pizza, Veneza, Florença, que estavam se tornando grandes centros comerciais da Europa. Conforme salienta Iudicibus (2009), Luca Pacioli marcou o conceito de Contabilidade de modo que perpetua até os dias atuais:

Fica bem claro que a evolução da Contabilidade foi gradativa e lenta no decorrer do tempo, até a aparição da moeda para se efetuar compras e fazer pagamentos dos bens adquiridos. É assim, fácil de entender, passando por cima da Antiguidade, por que a Contabilidade teve seu florescer, como disciplina adulta e completa, nas cidades italianas de Veneza, Gênova, Florença, Pisa e outras. Estas cidades e outras da Europa fervilhavam de atividade mercantil, econômica e cultural, momento a partir do século XIII até início do século XVII. Representam o que de mais avançado poderia existir, na época, em termos de empreendimentos comerciais e industriais incipientes. Foi nesse período, obviamente, que Pacioli escreveu seu famoso *Tractatus de Computis et Scripturis*, provavelmente o primeiro a dar uma exposição completa e com muitos detalhes, ainda hoje atual, da Contabilidade (IUDÍCIBUS, 2009, p. 16).

Desde então, surgiram Escolas e muitas teorias da Contabilidade, mas antes de citarmos algumas, é importante contextualizarmos surgimento dela no Ocidente.

Apesar do aparente avanço no conceito de Contabilidade no conhecido Mundo Antigo e Europa, a América que os europeus encontraram também já possuía controles de cunhos contábeis.

De acordo com os estudos, por volta do século XII, existia um grande Império Asteca estabelecido na região do atual México, com a capital asteca Tenochitlán, e, assim como no Antigo Egito e outras regiões já mencionadas anteriormente, também haviam tributos cobrados pelo Império. Conforme Boulos Junior (2009, p. 185), o pagamento dos impostos era feito em mercadorias e os oficiais do imperador faziam uma lista contabilizando os tributos enviados semelhante à imagem abaixo:



Codex Mendoza, Séc. XVI Arquivo Biblioteca Bodleian, Oxford.

Já os Incas, também segundo Boulos Junior (2009), que assim como os astecas, também formaram um grande Império, não desenvolveram a escrita, porém desenvolveram um sistema interessante sistema de registro chamado de **Quipu**:

O quipu era um cordão no qual estavam amarrados vários cordões menores, de cores e tamanhos variados, onde faziam diferentes tipos de nós.

As cores dos cordõezinhos permitiam identificar os tipos de objetos. Os nós indicavam quantidades e datas. O nó mais próximo da ponta do cordãozinho correspondia à unidade, o seguinte referia-se às dezenas, e assim sucessivamente. Pelo quipu, o imperador tinha informações sobre a população, administração e economia [...], registrava tipos, quantidades de produtos armazenados, datas e número de pessoas, animais e armazéns [...] (Boulos Junior, 2009, p. 197)

Os detalhes de cada representação estavam sob responsabilidade de especialistas treinados para a tarefa.

No Brasil, a história da Contabilidade também provém da antiguidade, na era paleolítica o homem primitivo deixava inúmeros registros em cavernas, as mais conhecidas estão localizadas no Sul do Piauí. De acordo com

Sá (2008, p.14), “os primitivos habitantes do Brasil deixaram vasta comprovação de sua presença através de incisões e pinturas em lápides e cavernas”, as tais, trazem registros de bens como animais, utensílios, tecidos, entre outros.

Mesmo com as colocações acima referentes aos registros contábeis dos povos que já habitavam na América antes da chegada dos europeus, não se pode negar que o avanço da contabilidade até chegar aos moldes atuais, ocorreu principalmente com a influência europeia, no Brasil, ele caminha juntamente com os 3 principais períodos históricos pós “descobrimento”: Colônia, Império e República. Discorreremos sobre eles a seguir.

2. A Contabilidade na História do Brasil

2.1. Brasil Colônia (1500 – 1808)

As primeiras ocorrências de pessoas responsáveis pela contabilidade estavam relacionadas aos controles que os portugueses tinham nas navegações, conforme narra Sá:

Era uso e costume as expedições marítimas possuírem na tripulação um profissional da escrita, a de Cabral trouxe quem seria o primeiro contador estrangeiro a aportar em terras Brasileiras e que foi Pero Vaz de Caminha. (SÁ, 2008, p. 20)

Ainda:

Gaspar Lamego 1º contador nomeado para o Brasil no ano de 1549; Bastião de Almeida 1º Guarda Livros também em 1549; Diogo Ribeiro em 1556; Damião Lopes em 1558 e João de Araújo em 1559. (SÁ, 2008, p. 21)

Com a divisão do solo brasileiro visando a proteção contra invasões de outros povos que ameaçavam adentrar aqui, Portugal criou as Capitânicas Hereditárias em 1534, isso teve grande influência na contabilidade, uma vez que, como o controle já não estava mais centralizado na Coroa portuguesa, os colonos, administradores locais, tinham que prestar contas de todos os processos que executavam.

Com a criação das Capitânicas, surgiu uma nova demanda ligada aos desbravamentos das terras, bem como nos engenhos de açúcar que começaram a ser estabelecidos, a força braçal. É nesse período que se inicia um processo

bastante sombrio na história da contabilidade e do Brasil como um todo, o tráfico de escravos.

O comércio de escravo exigia um controle contábil bastante apurado que iam de valores, quantidades, taxas, sejam dos próprios navios, sejam das cargas, humanas e materiais. Conforme Matosso (1982, p. 48) aponta, em 1569, Frei Tomé de Macedo cita o caso de um navio que transportava 500 cativos e desses, 120 morreram em apenas uma noite, já em 1625 há outro registro realizado por João Correia de Souza, governador de Angola, onde ele envia 5 navios com as respectivas cargas:

195 cativos dos quais 85 morrem (44,4%)
 220 cativos dos quais 126 morrem (57,2%)
 357 cativos dos quais 157 morrem (43,9%)
 142 cativos dos quais 51 morrem (35,2%)
 297 cativos dos quais 163 morrem (54,8%)

A autora também traz outras demonstrações de contabilidade dessa vez já nos moldes conhecidos de DRE do ano de 1795 apresentada pelo provável contador Manuel Ferreira (MATOSSO, 1982 p. 70 e 71):

DESPESA (EM RÊIS)	
Pelos direitos sobre os ditos 14 escravos, a 8 700	121 800
Frete dos mesmos	87 010
Despesas médicas a bordo	7 000
Despesas com a morte de um deles	800
Alimentação para todos eles, até 12 de agosto	12 680
Despesas (texto ilegível)	58 500
TOTAL	287 790
Dinheiro pertencente ao acima nomeado	640 000
Dinheiro a ser pago ao capitão Manoel Roiz Barreto	48 000
TOTAL DA DESPESA	976 000

RECEITA (EM RÊIS)	
1 negro molecão vendido	90 000
1 negro molecão vendido	93 000
1 negro molecão vendido	70 000
1 negra molecona vendida	70 000
1 negra molecona vendida	90 000
1 negro molecão vendido	80 000
1 negra molecona vendida	70 000
1 negro conferado (com feridas?)	64 000
1 negra vendida	69 000
1 negra vendida	56 000
1 negra vendida	70 000
1 negra vendida	40 000
1 negro com duas fístulas no rosto e uma cicatriz na perna	—
1 negro morto a 12 de julho	—
TOTAL DA RECEITA	976 000

Existe uma quantidade relevante de documentos do período que demonstram a utilização da Contabilidade de modo bastante preciso, inclusive alguns trabalhos já foram desenvolvidos focando essencialmente nos números apresentados ao longo dos anos ligados ao regime escravista.

2.1.1. **Contabilidade – Abordagem Social**

Em seu trabalho, Adriana Rodrigues Silva (2014), desenvolve a temática “prática da Contabilidade ao Serviço da Escravatura do Brasil”, no qual, segundo enfoque, a contabilidade acaba sendo um meio de se exercer poder sobre outrem, um instrumento para a “imposição da vontade de alguns sobre os demais” (SILVA, 2014, p. 348). No caso dos escravos, grandes responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil até chegarmos no que conhecemos hoje, pode-se afirmar que não havia direitos humanos para os mesmos, de modo que, nos dias atuais, necessita-se de devida atenção à legislação que garante desde 1948 o direito à vida e igualdade independente de raça, sexo, religião ou crença, etc., de modo que não seja recorrente tais relações de poder, visto que o pensamento ou cultura capitalista, está embutido na construção do Brasil, tendo ainda, a contabilidade como legitimadora dessa sociedade capitalista.

Para além, é necessário salientarmos a própria situação dos nativos dessas novas terras, desde os Incas, Maias, Astecas e a toda população indígena no Brasil, também foram subjugados nessa relação de poder, onde de nativos se tornaram cativos em suas próprias terras.

Voltemo-nos processo histórico conforme períodos já mencionados.

2.2. **Brasil Império (1808 -1889)**

Esse período se inicia com a chegada da família real no Brasil num período em que Portugal passava por uma forte crise política, juntamente com ela, muitos intelectuais, incluindo estudiosos da área contábil, vieram para cá, contribuindo para a evolução da contabilidade. Conforme observado por Sá:

A história comprova que leis comerciais, tributárias, trabalhistas, previdenciárias e a burocracia defluente sempre foram decisivos fatores para a dilatação do mercado de trabalho do contabilista. Sá (2008: p.61).

Com o governo de D. João VI nos entre os anos de 1808 a 1821, temos alguns acontecimentos importantes, entre elas: a criação do Banco do Brasil, já em 1808; um decreto em 1809 determinando que somente estudantes contábeis ou do comércio poderiam exercer as escriturações contábeis; também ocorreu o ciclo dos minérios como ouro e outros metais preciosos que exigia uma apuração de lucros e custos de qualidade, assim como na apuração dos tributos estipulados pelo governo.

Já com D. Pedro I nos anos de 1821 a 1831, surgiu a divina externa do Brasil, com a declaração da independência, foi necessário pagar uma indenização alta e para isso, conseguiu-se um empréstimo junto à Inglaterra. Outro passo importantíssimo para a história da contabilidade no Brasil, foi o decreto de 1830 que torna obrigatório o uso do método das partidas dobradas nas escriturações contábeis.

A partir de 1831, após um golpe de emancipação D. Pedro II assume o governo ficando até 1889. Nesses anos podemos destacar: aprimoramento de grupos de contas a partir de 1836 sob influência dos franceses, o que gerou uma grande evolução no controle das grandes empresas europeias que estavam se instalando no Brasil; em 1837 temos a primeira obra contábil brasileira “A metafísica da Contabilidade comercial” de autoria do maranhense Estevão Rafael de Carvalho, que apresentava a contabilidade como uma ciência. Em 1850 estabeleceu-se a obrigatoriedade do Balanço e Livro diário nas instituições.

O Brasil imperial foi o período em que a profissão contábil se estabeleceu, visto que uma boa gestão do dinheiro do Império era essencial.

2.3. Brasil República (a partir de 1889)

Sendo a forma de governo vigente, inicia-se conturbado com uma forte crise econômica, conseqüentemente há uma estagnação na evolução contábil. A partir de 1929, com a crise do café começa um processo paulatino de revolução industrial no Brasil, com a efetivação apenas em 1940 na Era Vargas uma vez que houve incentivos industriais do governo, com isso, aumentou-se a responsabilidade dos contadores.

Pontos importantes a serem destacados desse período: em 1926 houve a instituição de cursos profissionalizantes na área; em 1931 a profissão de Contador foi regulamentada; em 1945 surge o curso superior de Ciências Contábeis; em 1946 surgem Conselhos Federais e Regionais de contabilidade; em 1970 inicia-se pós-graduação e Mestrado em Ciências Contábeis; em 1970 é sancionada a Lei 6404 para Companhias ou Sociedade Anônimas; em 1978 é implantado o sistema de Doutora em Ciências Contábeis; em 1981 é estabelecido as Normas Brasileiras de Contabilidade (NBC); em 2005 há a criação do CPC, Comissão de Pronunciamentos Contábeis.

Outras mudanças importantes têm ocorrido ao longo dos anos, conforme a sociedade evolui, a contabilidade caminha junto.

3. As Escolas

Corroboraremos a seguir sobre algumas Escolas Contábeis.

3.1. Contista

Teve seu maior desenvolvimento na França, surgindo no século XVIII pós o trabalho de Lucca Paccioli, tinha como foco principal o funcionamento das contas subordinando-as à escrituração, ela contribui para o surgimento da Teoria das Cinco Contas Gerais que, conforme afirma Martins (2001, p. 112) “evidenciava os cinco principais efeitos de uma transação comercial: Mercadorias, Dinheiro, Efeitos a Receber, Efeitos a Pagar e Lucros e Perdas”.

3.2. Personalista

Oriunda do século XIX, tem como enfoque dar personalidade às contas, na perspectiva de explicar as relações pessoais entre devedores e credores, valorizando os conceitos de “meu” e “seu”, que posteriormente teve o conceito jurídico de direitos e obrigações agregados a elas. Foi também uma escola cujo pensamentos receberam bastante críticas.

3.3. Neocontista

Também conhecida como Moderna Escola Francesa, contrariando a escola Personalista, essa defende que colocar em evidência o ativo, o passivo e a situação líquida das unidades econômicas é o real papel da contabilidade,

onde os valores não poderiam ser vinculados em nome de pessoas ou personalidades, sendo necessário haver contas com valores dos ativos e passivos representando os componentes patrimoniais. Essa escola trouxe um novo avanço para a análise patrimonial e da gestão empresarial como um todo, basicamente, dentro do que denominavam de dinâmica contabilística, tem equivalência à afirmação de que para todo débito deve haver um crédito.

3.4. Aziendalista

Surgida no início do século XX, pode ser chamada também de Moderna Escola Italiana. Tem como objeto de estudo da contabilidade a *azienda*, significado italiano para empresa e traz o conceito de que a contabilidade é a ciência que estuda o patrimônio à disposição das empresas, conforme Sá:

O aziendalismo, a economia das empresas, a economia aziendale, as ciências gerenciais, seja que denominação se pretenda dar a esse conjunto de disciplinas que estudam os fenômenos ocorridos nas células sociais, foi uma concepção que se formou ao longo de muitos anos, consolidando-se lentamente, através da contribuição de diversos estudiosos, cada um somando-se a esse complexo. (SÁ, 1997, p. 98).

As principais doutrinas administração, organização e controle foram agregadas à contabilidade, voltando-a para as empresas e não ao levantamento patrimonial

3.5. Patrimonialista

Iniciada no século XIX, apesar de ter sido fundada na Itália, teve mais aceitação em outros países, uma vez que os italianos seguiam de modo fechado à corrente aziendalista. Defendiam o patrimônio das entidades como objeto de estudo, ou seja, se preocupavam mais com a forma que as contas seriam registradas e não com o registro das contas em si como os contistas defendiam. Sobre o responsável por essa corrente, o italiano Vincenzo Masi, Schmidt salienta:

Vários foram os seguimentos que inspiraram Masi na elaboração de seus trabalhos, especialmente na defesa da Contabilidade como ciência do patrimônio. Masi escreveu sobre contabilidade geral e aplicada, sobre filosofia, sobre a história da contabilidade. Além disso, foi o primeiro escritor italiano a dedicar-se aos estudos sobre análise de balanços. (SCHMIDT, 2000, P. 203).

Uma grande preocupação dos patrimonialistas era de considerar a Contabilidade separadamente da Administração e da Economia, como ciência única.

Para os seguidores de Masi, a Contabilidade não é apenas uma disciplina que tem por objetivo a relevação patrimonial, ou seja, a representação da vida patrimonial das entidades, como sugeriam os neocontistas, mas uma ciência, portanto, com leis e princípios próprios, que estuda e interpreta os fenômenos patrimoniais. (SCHMIDT, 2000, p. 202).

3.6. Anglo-Saxã

Anglo Saxã ou Escola Norte-Americana, iniciou-se no século por volta do século XIX, tem enfoque no aspecto prático da Contabilidade, surge num período de declínio das escolas europeias, sobre ela Ludícibus e Marion escrevem as razões pelos quais essa escola se desenvolveu de forma considerável:

Algumas razões da Ascensão da Escola Norte-americana. 1. Ênfase ao Usuário da Informação Contábil: a Contabilidade é apresentada como algo útil para a tomada de decisões, evitando-se endeusar demasiadamente a contabilidade; atender os usuários é o grande objetivo. 2. Ênfase a Contabilidade Aplicada: principalmente à Contabilidade Gerencial. Ao contrário dos europeus, não havia uma preocupação com a teoria das contas, ou querer provar que a Contabilidade é uma ciência. 3. Bastante Importância a Auditoria: como herança dos ingleses e transparência para investidores das Sociedades Anônimas (e outros usuários) nos relatórios contábeis, a auditoria é muito enfatizada. 4. Universidades em Busca da Qualidade: grandes quantias para as pesquisas no campo contábil, o professor em dedicação exclusiva, o aluno em período integral valorizam o ensino nos Estados Unidos.(LUDÍCIBUS e MARION, 1999, p. 36).

Desenvolvendo bastante nos processos de auditoria, ela passou a trazer respostas aos seus usuários que as escolas europeias não respondiam, ou seja, havia um interesse em “satisfazer” responsáveis contábeis, sejam eles acionistas, governo, empresários, entre outros. Ainda que possuam seus pontos negativos como Ludícibus aponta:

1. pouca importância atribuída à sistematização dos planos de contas, pelo menos nos livros-texto; 2. apresentação dos tópicos dos livros de forma não ordenada, dificultando distinguir, às vezes, os de maior importância; e 3. pouca consideração – por parte dos corpos responsáveis pela edição de princípios contábeis, pelo menos até pouco tempo atrás – pelo problema inflacionário, embora algumas das melhores obras sobre “indexação” tenham sido escritas por autores americanos e alemães. (IUDÍCIBUS, 1997, p. 35)

[...] é a escola que mais se destaca contabilmente no mundo. Suas empresas são as que mais crescem e se espalham por vários países.

No Brasil, a influência das escolas europeias, percorridas acima, foram bastante relevantes até meados de 1964, atualmente, a Escola Norte-Americana tem sido a principal influenciadora.

Conclusão

Nota-se então, que o desenvolvimento da Contabilidade ao longo dos séculos ocorreu paulatinamente, contudo manteve-se sempre em constante evolução. Assim como nas demais ciências, ela teve que passar por várias inovações, desenvolvimento, ajustes, até se fundamentar como uma ciência de fato.

Pode-se observar que seu desenvolvimento está atrelado às diversas transformações ocorridas na humanidade pelos períodos históricos, tais como: desenvolvimento da escrita e surgimento da moeda, pelas expansões comerciais e Grandes Navegações, pelas grandes conquistas territoriais e grandes impérios que se insurgiram, pela Revolução Industrial entre outros, não é à toa que é considerada uma Ciência Social, disponível ao “atendimento” das civilizações.

Subentende-se que continuará em constante evolução uma vez que possuiu a característica de adaptar-se às novas descobertas, novas necessidades e processos tecnológico, cabe ao seu profissional, evoluir com a mesma.

Referências

BOULOS Junior, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania, 1ª Ed. São Paulo, 2009.

_____. Decreto nº 6404 de 15.12.1976. Características e Natureza da Companhia ou Sociedade Anônima. Disponível em: Acesso em: 24/06/19.

FRANCO, Hilário. A evolução dos Princípios Contábeis no Brasil, São Paulo, Atlas, 1988.

HENDRIKSEN, Eldon S.; Van Breda, Michael F. Teoria da Contabilidade – 5ª Edição - São Paulo: Atlas, 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. Introdução à Ciência da Contabilidade. 3ª. Edição- São Paulo: Atlas, 2002.

IUDÍCIBUS, Sergio de. Teoria da Contabilidade. São Paulo, Atlas, 1980.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teorias da Contabilidade. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

IUDICIBUS, Sérgio de; LOPES, Alexsandro. Teoria Avançada da Contabilidade. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Contabilidade Gerencial. 6ª ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. Introdução à teoria da Contabilidade: para o nível de graduação. São Paulo: Atlas S/A, 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teoria da Contabilidade. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

MARION, J. C. O ensino da Contabilidade. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001. _____. Contabilidade Básica. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARION, José Carlos. Metodologia de Ensino da Contabilidade (ou geral). Revista Brasileira de Contabilidade, v.16, n.57, p.7-9, abr/jun, 1986.

MACHADO, Debora Gomes; FREITAS, Luciana Lopes de; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. A Graduação Em Ciências Contábeis na Universidade Federal do Rio Grande-FURG: Sua Evolução através de um resgate histórico.

Rio Grande. <https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/2045/1435> acesso em 20/06/19.

MACHADO, Janaina Resende; RAPÉ, Sara Ferreira de Lima; SOUZA, Sinvaes Roberto. CONTABILIDADE GERENCIAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A GESTÃO E TOMADA DE DECISÃO DAS EMPRESAS CONTEMPORÂNEAS. <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-cc-adm/pdf/n11/ARTIGO-CONTABILIDADE-GERENCIAL-OPET.pdf> acesso em 18/06/19

MATTOSO, Katia M de Queirós. Ser Escravo No Brasil, Ed. Brasiliense. São Paulo, 1982.

MARTINS, Maria de Fatima Oliveira. UM PASSEIO NA CONTABILIDADE, DA PRÉ- HISTÓRIA AO NOVO MILÊNIO. Adcontar, Belém, v. 2, nº 1, p. 7-10, 2001.

MOURA, Iranildo José Lopes de. História da Contabilidade. 2013.

SÁ, Antônio Lopes de. Introdução à teoria da contabilidade. - Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1996.

SÁ, Antônio Lopes de. Luca Pacioli: Um Mestre do Renascimento. 2ª. Edição. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2004.

SÁ, Antônio Lopes de. A Evolução da Contabilidade. 2ª. Edição. - São Paulo: IOB, 2009.

SÁ, A. Lopes de. História geral e das doutrinas de contabilidade. São Paulo: Atlas, 1997.

SÁ, Antônio Lopes de. História Geral da Contabilidade no Brasil. 1. ed. Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 2008.

SCHMIDT, Paulo. Uma Contribuição ao Estudo da História do Pensamento Contábil. Tese (Doutorado em Contabilidade) Faculdade de Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SCHMIDT, Paulo. História do Pensamento Contábil. Porto Alegre: Bookman, 2000.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da; MARTINS, Wilson Carlos Ribeiro da. História do Pensamento Contábil, Curitiba, Juruá, 2007.

SILVA, Adriana Rodrigues. A Prática da Contabilidade ao Serviço da Escravatura no Brasil: Uma Análise Bibliográfica e Documental, http://www.scielo.br/pdf/rcf/v25nspe/pt_1519-7077-rcf-25-spe-0346.pdf, acesso em 20/06/19.

SILVA, Maurício Souza; ASSIS, Francisco Avelino de. A HISTÓRIA DA CONTABILIDADE NO BRASIL. Periódico Científico Negócios em Projeção | v.6, n.2, 2015.

SOMBRA, Ricardo de Souza. CONTABILIDADE: DESCOBERTA, EVOLUÇÃO E GLOBALIZAÇÃO DE UMA CIENCIA. CE, 2013. <https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CCO/CONTABILIDADE%20DESCOBERTA%20EVOLUCAO%20E%20GLOBALIZACAO%20DE%20UMA%20CIENCIA.pdf> acesso em 19/06/19.

RIBEIRO, José Francisco; LOPES, Jorge; PEDERNEIRAS, Marcleide. Estudando a teoria da contabilidade. São Paulo: Atlas, 2009.

RICKEN, Lisele Viero. PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A ESCOLA EUROPEIA E NORTEAMERICANA E A INFLUÊNCIA DESTAS ESCOLAS NO BRASIL. SC, 2003. <http://tcc.bu.ufsc.br/Contabeis295725.pdf> acesso em 20/06/19

RIBEIRO, Fabiola Ferreira. LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB) EM SEUS PRIMEIROS 22 ANOS. BA, 2016. <http://www2.uesb.br/cursos/contabeis/wp-content/uploads/TCC-Fab%C3%ADola-2016-1.pdf> acesso em 21/06/19